

Tradição ao desafio

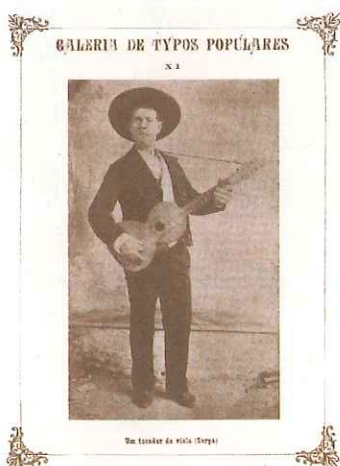
Com uma vida dedicada ao cante e à viola campaniça, Pedro Mestre alarga, aos 31 anos, as fronteiras da tradição com um primeiro disco em que abre a música alentejana a outras sonoridades

POR MIGUEL JUDAS

Já lá vão duas décadas desde que se deixou enfeitiçar pelo dedilhar da viola campaniça. Era então uma criança, mas o entusiasmo foi o suficiente para perceber que aquele instrumento em desuso, então só tocado por alguns velhos mestres, iria mudar a sua vida. «É uma paixão que tenho desde pequeno, quando cantava em casa, com a minha família, músicas tradicionais alentejanas. Quando tinha dez ou onze anos, fui estudar para Castro Verde, onde havia um grupo infantil de cante. Inscrevi-me logo», lembra Pedro Mestre, que aos 31 anos é um dos grandes divulgadores da música tradicional alentejana junto das gerações mais novas. Desde 2006 que a ensina a alunos do primeiro ciclo, em várias escolas do Baixo Alentejo, e é fundador e ensaiador de diversos corais alentejanos. «Fui-me envolvendo cada vez mais e hoje sou dos poucos que tem como profissão o cante e a viola campaniça», su-



LUIS BARRA



Aos 15 anos, Pedro Mestre decidiu construir, sozinho, uma viola campaniça. O professor de Educação Visual e Tecnológica achou que era uma missão impossível...

blinha o músico, que com apenas 16 anos já dirigia coros e construía violas. «De certa forma tornei-me na força que voltou a movimentar os velhos mestres, que ficaram muito motivados por ver um rapaz daquela idade a interessar-se e a puxar por eles. Foi um verdadeiro mestrado que eu tirei com aqueles homens», afirma.

Voltemos então atrás no tempo, a essa altura de descoberta, quando a viola campaniça parecia destinada a tornar-se apenas peça de museu. «Havia um trio de tocadores, composto por homens mais velhos, e pouco mais. Já fazia parte do grupo infantil e de vez em quando atuávamos com esses velhos tocadores, que se queixavam de ninguém se interessar pelo instrumento, apesar de o quererem ensinar às gerações mais novas. Mas o que eu mais queria era mesmo aprender a tocar...»

Uma das maiores dificuldades era arranjar violas em condições: «Vieram umas de Braga, mas os mestres torciam o nariz, porque eram diferentes daquelas a que estavam habituados, herdadas dos pais e avós.» Pedro decidiu meter mãos à obra. Conhecia um carpinteiro, seu vizinho na Aldeia da Sete, em Castro Verde, de onde é natural, cujo pai tinha sido construtor de violas, e foi ele quem o ajudou, aos 15 anos. «Gostava muito de trabalhos manuais e propus ao meu professor de Educação Visual e Tecnológica

O que é uma viola campaniça?

Também conhecida como «viola de arame», a viola campaniça é um dos vários tipos de cordofones tradicionais portugueses, típico da região do Baixo Alentejo. É um instrumento com dez cordas (cinco ordens de cordas duplas), com uma forma de 8 muito pronunciada e a maior das violas portuguesas, com cerca de 95 cm. Era muito utilizada no acompanhamento do cante alentejano e nos tradicionais bailes realizados ao fim de semana ou durante as festas populares. É habitualmente tocada de dedilhar, ou seja apenas com o polegar. Nos anos 60, foi referida por Ernesto Veiga de Oliveira como muito rara e em vias de extinção, na 1.ª edição do livro *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*.



fazer uma viola campaniça, mas ele achou a minha ideia completamente impossível de concretizar...». Acabou por fazê-la em casa. «Pedi os materiais e as ferramentas emprestadas, porque não havia dinheiro para isso», lembra – o pai estava emigrado e a mãe era doméstica. Passava as tardes a pesquisar em livros e na internet, para perceber como faziam os construtores de violas flamencas ou de alaúde e depois mostrava essas técnicas aos mestres alentejanos, que o foram ajudando na busca pela viola perfeita.

Convidados ao despique

Hoje, sustenta, a realidade é bem diferente: «Já há escolas e oficinas dedicadas à construção da viola campaniça e gente a tocar por todo o País, inclusivamente alguns que até integraram o instrumento noutros estilos musicais.» Apesar da sua fidelidade à tradição, nada disto incomoda Pedro, que também contribuiu para a evolução do instrumento ao introduzir uma nova cabeça, similar à das guitarras clássicas, que passou a permitir afinar a viola pelo diapasão. «Foi uma evolução natural, fundamental para conquistar os grandes palcos, porque o importante é que a viola seja tocada. Eu aprendi com os mestres e preservo a técnica deles, mas também tenho evoluído e acrescentado coisas novas», reconhece.

E é também com esse objetivo que se aventura agora com o disco *Campaniça do Despique*, o primeiro em nome próprio, no qual conta com a participação de nomes como Janina Salomé, António Zambujo, Rui Vaz e José Manuel David (Gaiteiros de Lisboa), Fátima Rebordão ou Jorge Fernando, entre outros convidados. Composto por temas inéditos, da autoria do próprio Pedro Mestre, e por temas do cancionero tradicional alentejano, o disco evoca o mais genuíno toque da viola campaniça, que desde sempre acompanhou os cantos de improviso, ao desafio, conhecidos como despiques, ainda hoje muito populares nas tabernas alentejanas. «Neste caso trata-se de um desafio a outros cantores e instrumentos musicais, para que também entrem na roda do despique», explica o músico. Ou talvez de um «desafio à tradição», até porque a Campaniça, que sempre foi um instrumento solista, aparece aqui muito bem acompanhada. «Existe uma linha mestra que é o Alentejo, que tem de ser respeitada, mas tem legitimidade para se envolver com outras músicas, porque a cultura não pode nem dever ser estanque. Não só resulta como é saudável, porque abre horizontes e cativa mais gente para ouvir e fazer a nossa música.» 